

Abaixo a ditadura (dos alopatas)

CORREIO BRAZILIENSE

FERNANDO LEMOS

Editor-Executivo

A ditadura não acabou. E verdade: a ditadura ainda não acabou. A ditadura dos médicos alopatas, que se julgam os únicos capacitados a restabelecer a saúde, a combater as doenças, continua firme, apesar da Nova República e de seus compromissos com mudanças. Os Ministérios da Saúde e da Previdência Social, a nível federal, as Secretarias de Saúde a nível estadual, mas principalmente os órgãos que agem a nível municipal, precisam acabar com os preconceitos velhos, arraigados, que as multinacionais dos medicamentos cuidam de eternizar, e tratar dessa questão — a saúde humana — sob todos os ângulos.

Em Brasília o ex-secretário da Cultura e ex-ministro da Cultura, José Aparecido, homem ligado às artes, no domínio das quais a dialética é a única linguagem possível, precisa ser dialético e assumir o compromisso da Aliança Democrática com mudanças, mudando de fato, e nomeando um secretário da Saúde que leve em consideração todos aqueles que lutam em favor da saúde humana. A longa enfermidade, as sete intervenções, o tratamento tecnológi-

camente sofisticado, e enfim a morte do presidente Tancredo Neves, com médicos alopatas impedindo que homeopatas e outros tipos de médicos se aproximassem da UTI onde ele agonizava, deixaram bem claro que os alopatas não podem dar a última palavra sobre a saúde humana.

Muito menos num contexto como o nosso, onde vários fatores contribuem para que se busque alternativas: 1 — a insuficiência de recursos, que tornam impraticável o tratamento à base de antibióticos, remédios caríssimos, cintilografias e tomografias computadorizadas; 2 — o rombo de mais de 10 trilhões de cruzeiros da Previdência Social, que pode ser atribuído em grande parte à sofisticação a cada dia maior dos tratamentos alopatícos (o resto fica por conta das fraudes, o que também está estreitamente ligado à medicina alopatíca, que compactua com o sistema capitalista, numa mútua dependência); 3 — a riquíssima flora brasileira, que ainda não foi devidamente pesquisada quanto a seus efeitos benéficos para a saúde humana; 4 — a situação de miséria absoluta de enormes populações brasileiras, inteiramente à margem do

sistema, e que não podem sequer sonhar com antibióticos e tomografias computadorizadas. E assim por diante.

Um país como o nosso tem, evidentemente, que cortar o cordão — que não é umbilical, é um cordão de interesses escusos e que absolutamente não dizem respeito à saúde humana — que o liga à medicina alopatíca, ao progresso tecnológico da medicina, eliminando todas as outras alternativas, como a homeopatia, muito mais barata e prática, a fitoterapia, que se utiliza de chás e ervas nacionais, ou a naturopatia, que preocupa-se unicamente em restabelecer o equilíbrio orgânico, não em "curar" sintomas.

Do ponto de vista do conhecimento da máquina humana, o funcionamento do corpo humano, a homeopatia e a fitoterapia estão muito à frente da alopatia, e a naturopatia coloca a alopatia simplesmente na idade da pedra — ou da pedrada, já que as armas principais da alopatia para evitar alternativas a ela são o dogma, a violência, o autoritarismo — todas armas da ditadura. Abaixo a ditadura: por uma secretaria da Saúde que se preocupe com a busca da saúde, o fim, não importam os meios.